



RELATÓRIO DO ENCONTRO COM AFETADOS/AS PELA MINERAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Brasília
07 a 10 de agosto de 2018



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. MENSAGEM DO CARDEAL MONS. PEDRO BARRETO JIMENO, S.J.....	4
3. VISITA à PARACATU-MG.....	6
4. ESCUTAR E APROFUNDAR	
4.1 <i>Análise de conjuntura sobre a mineração e realidade eclesial na América Latina.....</i>	8
4.2 <i>Caminhada da Igreja no Brasil, na América Latina e Caribe: itens para refletir</i>	10
4.3 <i>Escuta das realidades</i>	15
4.4 <i>Reflexão teológica e pastoral por Mons. Bruno-Marie Duffé</i>	17
5. TRABALHO DE GRUPOS	19
6. CARTA PASTORAL DO CELAM: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS CUSTÓDIOS DA CASA	22
7. ARTICULAÇÕES E COORDENAÇÕES	25
8. COLETIVA DE IMPRENSA	28
9. CARTA ABERTA	28
10. AVALIAÇÃO	30
11. PROPOSTAS DE AÇÃO	31

1. INTRODUÇÃO

Realizado nos dias 07 a 10 de agosto de 2018, em Brasília-DF, o Encontro com afetados-as pela mineração na América Latina, reuniu 30 participantes, representantes de base da Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Peru e representantes das instituições organizadoras do encontro.

O evento foi convocado por um grupo de instituições que acompanham a nível ecumênico as lutas das comunidades afetadas pela mineração na América Latina: CELAM-DEJUSOL (Conferência Episcopal Latino Americana – Departamento de Justiça e Solidariedade), CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil - GT Mineração), CIDSE (Cooperação internacional pela Justiça global) e a Rede ecumênica Igreja e Mineração.

O encontro teve como objetivo de articulação e diálogo com as comunidades afetadas pela mineração na América Latina e a concretização da incidência e assessoria da rede junto às Igrejas a partir da Carta Pastoral, *Discípulos Missionários Custódios da Casa comum, Discernimento à luz da Laudato Si*. A carta foi lançada pelo Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), no dia 14 de março de 2018. Memória histórica do processo realizado por Igreja e Mineração em diálogo com a Igreja institucional a partir do encontro no Vaticano em julho de 2015.

Tendo presente os passos dados pela Rede Igreja e Mineração, as proposições da Carta Pastoral e as expectativas de incidência em um contexto de crescimento das ameaças da vida e aos territórios das comunidades, os elementos que constituem como pano de fundo do encontro são: 1. Definir a mensagem que queremos dar à Igreja católica e as Igrejas não católicas, buscando uma possibilidade de diálogo mais forte com a hierarquia. 2. Consolidar uma rede nos territórios, onde se faz a luta de base. 3. Construir uma estratégia de ação junto às Igrejas locais.

A agenda de trabalho iniciou com a visita solidária às famílias afetadas pela mineração em Paracatu-MG, onde a empresa canadense Kinross Gold Corporation atua desde a década de 80 quando obteve a concessão do governo brasileiro. É conhecida como a maior mina de ouro do país e a maior a céu aberto. A atividade de mineração está muito próxima aos bairros da cidade, provocando a intoxicação comprovada da população por metais pesados.

O segundo dia de trabalho foi dedicado a análise da conjuntura sociopolítica da América Latina e a escuta das realidades específicas dos países latino-americanos presentes no encontro. O texto enviado por Mons. Bruno-Marie Duffe, do Dicasterio para o desenvolvimento humano e integral, do Vaticano, a mensagem de apoio e solidariedade do Cardeal Mons. Pedro Barreto Jimeno, de Peru e vice-presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) permitiu um frutífero diálogo do ponto de vista teológico e pastoral, onde os grupos destacaram as alegrias, esperanças, inquietudes e propostas.

A apresentação e debate sobre a Carta Pastoral do CELAM: *Discípulos Missionários, custódios da casa comum. Discernimento à luz da Laudato Si*. foi o eixo condutor da reflexão do terceiro dia de trabalho. Destacou-se os principais conteúdos, potencialidades e perspectivas do texto e o nexos profundo entre as agendas social e ambiental, com especial acento na temática da mineração. Em seguida, a CIDSE compartilhou a incidência política a partir da Carta Pastoral, como também discutiu-se sobre a importância da comunicação e estratégias adequadas relativo a divulgação, estudo e práxis da Carta Pastoral.

O último dia de trabalho serviu para amadurecer as propostas levantadas e compartilhar comunicações importante sobre algumas iniciativas e âmbitos de atuação da Igreja e Mineração:

Diálogo com o Dicastério de Desenvolvimento humano integral (Vaticano), Campanha de desinvestimento, Grupo de Trabalho da CNBB, e especialmente sobre o *fracking*, 50 anos de Medellín, Fórum social temático, Sínodo Especial para a Amazônia, Fórum temático social em Johannesburgo (12 a 15 de novembro de 2018) e propostas no campo da comunicação. Os filmes de Thomas Bauer e de Igreja e Mineração foi mais um momento para refletir sobre o drama da mineração e de mais uma tragédia anunciada. O caminho percorrido culminou na elaboração da Carta aberta e as propostas de ação, cujos frutos e testemunhos foram compartilhados na coletiva de Imprensa, na sede da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

A fraternidade e busca comum que caracterizaram estes dias de trabalho foram permeados pela partilha orante e Eucarística que alimentam a certeza de que *Irá chegar um novo dia* especialmente para os pobres cujo clamor atravessa os diferentes países latino-americanos. Durante os momentos de oração, ao redor da luz do Ressuscitado, confiantes na Presença do Espírito, através de inúmeros símbolos, recolheu-se:

- As dores, os sofrimentos, a exploração dos povos latino-americanos, ameaçados, perseguidos e despojados dos seus direitos e dignidade de filhos de Deus.
- Os gritos da terra e da comunidade de Santa Rita de Paracatu-MG, fortemente ferida pelas atividades de mineração e abandonada pelo governo e geram sentimentos impotência, angústia, tristeza, indignação, coragem, raiva, injustiça com aqueles são os verdadeiros donos do território.
- As lutas, resistências e esperanças de tantas comunidades que superando o medo, cultivam a esperança, a coragem, a solidariedade, a organização de base, o fortalecimento da consciência e o compromisso de seguir lutando e resistindo em todos os rincões latino-americanos.
- A memória dos mártires: Beato Oscar Romero, Berta Cáceres e todos os mártires latino-americanos cujo sangue derramado continua clamando por justiça e unificando as lutas e esperanças por *um novo céu e uma nova terra* em toda América. Esta memória ajuda a compreender as lutas e desafios da mineração (capitalismo, colonialismo, patriarcalismo), a fortalecer a comunhão e organização desde uma espiritualidade animada pela Palavra de Deus.
- A inquietude profunda que desafia a colocar em comum os aprendizados e juntos descobrir novos caminhos de vida e solidariedade com os pobres da terra.
- A gratidão por todas as vivências de fraternidade e experiências de entrega de tantas irmãs e irmãos que como as Irmãs de Foucault entre os Tapirapés, guardiães de culturas milenárias e parteiras/os de um povo.

2. MENSAGEM DO CARDEAL MONS. PEDRO BARRETO JIMENO, S.J.

A PARTICIPANTES DE “ENCUENTRO CON AFECTADOS/AS POR LA MINERÍA EN AMÉRICA LATINA”



Muy buenos días a todos los que están participando en Brasilia, en este encuentro, organizado por iniciativa del CELAM, de los obispos de Brasil de la CNBB, de CIDSE y también de la red Iglesias y Minería. Este evento es muy importante, el que ustedes ahora están iniciando porque son representantes de las comunidades latinoamericanas por la acción minera. Este encuentro de tres días que van ustedes a tener en Brasilia, se ubica dentro de un contexto muy importante, de una dinámica, de un

proceso que la Iglesia está haciendo, con ustedes, para ustedes y también para la humanidad en su conjunto.

El 5 y 6 de julio pasado, tuvimos un encuentro en Roma, una audiencia personal con el Santo Padre y ahí, pudimos experimentar un avance significativo en este caminar de la Iglesia frente a las comunidades afectadas, en este caso, por las actividades mineras. También este encuentro, que vamos a tener dentro de unos días en Colombia, para conmemorar los 50 años del Documento de Medellín, un documento muy importante porque quiso aplicar a la realidad latinoamericana, las grandes orientaciones del Consejo Vaticano II. Y por último en noviembre próximo, se realizará el Foro Social Temático sobre Minería en África del Sur.

Como ven ustedes, este evento que están ustedes iniciando, está marcando, yo diría, un hito importante en este avance del proceso de responder a los que la Iglesia quiere realizar. De hecho, la iglesia no quiere ya muchas reflexiones y los tenemos con mucha frecuencia. Lo que quiere la Iglesia es pasar a la acción y a una acción solidaria, justa, responsable. Recordemos lo que el papa Francisco dijo en julio del 2015, hace casi exactamente 3 años, en Roma, cuando se tuvo la primera reunión con los afectados de la minería. Y yo recuerdo que, de aquí de Huancayo, la ciudad de La Oroya, que es una de las ciudades más contaminadas del mundo y que está en una situación, yo diría intermedia, para bien, yo estoy seguro de eso, estuvo una representante de La Oroya.

Recordarán que, en este encuentro convocado por la Comisión Justicia y Paz, que preside el cardenal Turkson, propusieron un lema “Unidos a Dios, escuchamos un grito”. Este encuentro, fue también en colaboración con la red latinoamericana Iglesias y Minería. En ese entonces el Papa, mediante una carta, aseguró, que todo sector minero está indudablemente llamado a efectuar un cambio radical del paradigma para mejorar la situación en muchos países y este paradigma lo tenemos a partir de la *Laudato Si*, donde el Papa, convoca a todos, absolutamente a todos los actores que están involucrados, en este caso en la actividad minera, a un diálogo responsable, fraternal, solidario, para buscar el único objetivo, que la Iglesia pretende, es respetar la dignidad de la persona humana, de toda persona humana, creada a imagen y semejanza de Dios. Y que Dios nos ha dado una casa común, donde hay recursos naturales que tiene que beneficiar a todos, absolutamente a todos. No a un grupo de privilegiados. Y la Iglesia, reconoce en ustedes, las personas afectadas por la actividad minera irresponsable, esos rostros sufrientes de Cristo, a los cuales queremos servir. Pero tenemos que contar con su responsable actitud de hacer valer su derecho, pero también su deber de colaborar en la Iglesia, con la Iglesia para el bienestar del mundo. Pero también el Papa, en esa oportunidad, dijo, que los gobiernos de origen de las empresas multinacionales y de los aquellos en los que operan, pueden contribuir a este nuevo espíritu del cuidado de la vida y del cuidado de nuestra casa común y de una actividad, no solamente, racional, sino, solidaria de la actividad minera.

Esta realidad nos hace tomar conciencia que todas las personas están llamadas a adoptar un comportamiento inspirado en el hecho de que constituimos una sola familia, la familia humana. Y que además nos recordaba, como nos recuerda en la *Laudato si*, que todo está conectado. Que si afectamos al agua, el aire o la tierra, afectamos también a la persona humana. Y ustedes son los primeros testigos de esta afirmación, que el papa Francisco afirma, todo está conectado. Y que e auténtico cuidado de nuestra propia vida y de nuestras relaciones con la naturaleza es inseparable de la fraternidad, de la justicia y de la fidelidad con las demás personas. Por eso, ustedes como representantes de los afectados por la actividad minera irresponsable, vienen de situaciones diferentes y experimentan de diversos modos las repercusiones de la minería, ya sea de las grandes minerías industriales o también de la minería artesanal y de los operadores informales.

Ustedes, entonces están reuniéndose en Brasília, al igual que en Roma hace 3 años, para escuchar su grito, un grito que se debe transformar en propuestas, en propuestas, no solamente para los gobiernos, sino también para los empresarios mineros y para aquellos que invierten en este tema de minería, y también ustedes, los que sufren directa o indirectamente, a consecuencia de demasiada actitud negativa de los operadores mineros.

El grito de la tierra es el grito por la extracción de la riqueza del suelo, que paradójicamente, no ha producido riqueza para ustedes, como poblaciones locales y que siguen siendo pobres, a pesar de la extracción de la riqueza. Un grito de ustedes que es de dolor, que sube hasta el cielo y que Dios escucha. Este clamor de los pobres, de aquellos que realmente ustedes representan. También el papa Francisco recordó que al lado de la minería hay mucho dinero, pero también hay mucha inmoralidad. Hay mucha corrupción. Hay trata de personas y trata de personas de niñas que han perdido no solamente su dignidad, han perdido sus raíces familiares y sus raíces étnicas.

Es un grito que resuena en el corazón de Dios y en el corazón de la Iglesia, porque aún ahora, después de 3 años de la reunión que tuvieron en Roma, todavía no hay una conciencia plena, total de lo que significa los efectos devastadores de la minería en las personas y también en la naturaleza. Por eso yo los invito a que participen activamente en la búsqueda de soluciones y soluciones radicales, que de alguna manera extingan para siempre esos efectos nocivos en las personas y en la naturaleza.

Yo felicito de verdad a todas las instituciones que están presentes ahí, como coorganizadores, como coordinadores, porque ustedes son los protagonistas de estas soluciones a mediano, a corto y a largo plazo, que deben darse.

Por último, quiero hacer un llamado que también lo hizo el papa Francisco, para que las comunidades representadas en este encuentro, reflexionen, como pueden interactuar constructivamente entre ustedes y con todos los demás actores involucrados en un diálogo sincero, en un diálogo respetuoso, donde se busque tan solo el bien común.

Estos días serán para ustedes una ocasión maravillosa para crear una mayor conciencia y responsabilidad en estos temas fundamentales. La dignidad de la persona humana, creada a imagen y semejanza de Dios, la pertenencia a una gran familia humana, la búsqueda del bien común, es como se crea una cultura del encuentro, de solidaridad y de un trabajo en red, para hacer frente a la crisis actual.

Que Dios bendiga pues sus trabajos, y yo desde lejos físicamente, pero, muy cerca, en el corazón de ustedes, sepan que estoy apoyándolos con mi oración y con la bendición de Dios. Que Dios los bendiga, que Dios los ilumine, que Dios los fortalezca. Porque no están solos en este camino de lucha por la dignificación de la persona humana y de alabar a Dios con todo nuestro ser, con toda nuestra vida. Que Dios los bendiga.

3. VISITA A PARACATU-MG

O Encontro Latino-americano dos afetados-as pela mineração iniciou com uma visita de solidariedade às famílias fortemente atingidas pela mineração na cidade de Paracatu, estado de Minas Gerais, Brasil.

A visita contou com a guia qualificada do professor Márcio Santos, ... Em um primeiro momento, o grupo visitou o ponto mais alto da cidade de Paracatu-MG, para ter uma visão panorâmica da cidade, e particularmente, da dimensão visual do tamanho de todo o complexo minerário da empresa Kinross na cidade. O lugar estratégico permite ver as barragens de rejeitos da mina de

ouro, que contém metais pesados como arsênio, chumbo e cianeto, a parte de beneficiamento do minério e, o tamanho da cava da exploração que segue avançando rumo aos bairros do município – estando cerca de 200 metros das primeiras casas.

O segundo momento, os participantes reuniram-se na sede da Caritas diocesana, onde o professor Márcio Santos explanou sobre a atuação da empresa Kinross no município e o conflito gerados na região. Segundo os dados mencionados pelo professor Márcio José dos Santos, geólogo e diretor da Fundação Acangaú e acompanha as atividades da empresa de mineração na região. , tem-se o menor teor de ouro de uma mina de ouro em atividade no mundo, cerca de 0,47 gramas de ouro, por tonelada de rocha extraída. Mais de 70% da comunidade Santa Rita, localizada a 500 metros da barragem de rejeitos, e todo o lençol freático estão contaminados pelo arsênio. Em relação a contaminação da população pelos metais pesados, existem diversos estudos na Alemanha, Inglaterra e da CETEM (Centro de tecnologia mineral) no Brasil.



O terceiro momento consistiu na visita à comunidade Santa Rita, localizada há 16 km do centro do município, 500 metros da maior barragem de rejeitos e 1000 metros de uma barragem que está seca. Nesta barragem a água já se infiltrou no subsolo e contaminou a área com arsênio, mercúrio, chumbo e cianeto provocando a contaminação aérea através dos ventos e poeiras que invadem a localidade. Por outro lado, a empresa cercou algumas áreas próximas às casas da comunidade inserindo guaritas com guardas privados para manter o “controle” e “segurança” da comunidade, mas que na verdade é para fiscalizar quem entra e sai das casas na comunidade. A população desta comunidade atinge altos níveis de contaminação. Calcula-se que 70% da população está contaminada, com um percentual que varia entre 12 a 19 mg/l no sangue, sendo que o mínimo aceitável é de 10 mg/l.

A reivindicação é que a empresa faça a transferência da comunidade para outro lugar porque é impossível viver nas condições que a empresa impôs às famílias. O terreno, o ar e a água estão completamente contaminado colocando em risco toda a vida humana na região. A comunidade vive da produção agrícola e depende completamente da água contaminada, tirada dos postos artesianos. A presença de metais pesados coloca em risco a saúde da comunidade que vive muito próxima à mina e é irreversível.

A visita de solidariedade permitiu uma maior compreensão da atuação da empresa mineradora e a situação alarmante das comunidades no município. Não existe diálogo em relação às necessidades urgentes da comunidade e a possibilidade de reassentamento das famílias.

4. ESCUTAR E APROFUNDAR

4.1. ANÁLISE DE CONJUNTURA SOBRE A MINERAÇÃO E REALIDADE ECLESIAL NA AMÉRICA LATINA

Pedro Landa (Honduras)

A. Como situar-nos em 2018?

Desde a perspectiva da mineração, tratou de apresentar uma leitura da realidade, apresentando:

- a. **Um padrão de atuação** Mais que novos rasgos da realidade latino-americana do ponto de vista da mineração, trata-se de um padrão de atuação que se impõe sempre mais de modo complexo, violento na maioria dos países da América Latina. A expansão do modelo extrativista, a agroindústria, a agricultura em larga escala, a mineração e o desmatamento no continente está gerando ataques mais brutais para assegurar a hegemonia e o lucro.

O Estado a serviço do extrativismo:

- A fragilização institucional dos Estados traduz-se na impunidade sistêmica e fortalecimento dos grupos transacionais.
- Os poderes são submissos e à serviço das empresas: Regulamentação das consultas que diluem o direito à terra e ao território, desregulamentação que acelera a aprovação de projetos extrativistas em tempos mínimos e sem nenhum estudo prévio de impacto ambiental, diminuição de impostos e incentivos fiscais às empresas extrativista. Uso indevido do Direito penal e criação de novos delitos penais, novas leis e sanções para criminalizar as lideranças, os atos de protestos, em uma clara apologia ao terrorismo e campanha de revitimização.
- As forças públicas (Exército, polícia, etc.) se convertem em agentes das empresas transacionais e cúmplices no assassinatos e criminalização das lideranças.

Neocolonização: ocupação do território, campanha de desprestígio, difamação das vítimas, negação da identidade dos povos originários e comunidades tradicionais pelas empresas e agentes estatais.

Setores acadêmicos: legitimam o extrativismo, a mineração como alternativa ao desenvolvimento e contribuem na deslegitimação das lutas sociais.

Sustento divino ao extrativismo: Em função do modelo extrativista, defende-se que Deus deu a riqueza para ser explorada, os setores extrativistas buscam aliança com Caritas, Bispos, especialmente com a hierarquia conservadora.

El informe de Global Witness 2018 (Sobre 2017)

10 HALLAZGOS CLAVE

1. Al menos 207 personas defensoras fueron asesinadas en 2017, el año con más muertes registradas.
2. La agroindustria fue el sector más peligroso, superando a la minería por primera vez, con 46 personas defensoras asesinadas por manifestarse contra la forma en que se producen los bienes que consumimos.
3. En 2017 ocurrieron más masacres que nunca antes: Global Witness documentó siete casos en los que más de cuatro personas defensoras fueron asesinadas al mismo tiempo.
4. Casi el 60% de las personas asesinadas en 2017 eran de América Latina.
5. Brasil presentó la mayor cantidad de muertes registradas en un año, en comparación con cualquier otro país del mundo (57). Mientras que en 2017 Filipinas fue el escenario de la mayor cantidad de asesinatos registrados en la historia en un país asiático (48).
6. México empeoró mucho en 2017, con un aumento de tres a 15 asesinatos, en comparación con 2016.
7. Hubo una gran disminución en los asesinatos de personas defensoras de la tierra y del medio ambiente en Honduras, aunque la represión de la sociedad civil en general es peor que nunca.
8. Algunos gobiernos y empresas reconocieron y tomaron más acción ante la problemática; pero se debe hacer mucho más.
9. La impunidad generalizada dificulta identificar a los perpetradores; pero Global Witness pudo vincular a las fuerzas de seguridad del gobierno con 53 de los asesinatos y a actores no estatales con 90 de las muertes.
10. Documentar y verificar casos en África continúa siendo difícil.

b. Desafios: Ameaças que sofrem os/as defensores/as:

O impacto dessa política, riscos e ameaças, sofrem as comunidades, povos originários e defensores de suas comunidades e territórios. Aumentou o despojo e deslocamento forçado dos povos originários e comunidades. No ano de 2017, ao menos 297 lideranças, ativistas e ecologias foram assassinados por defender suas comunidades e territórios, e grande parte foram assassinados na América Latina. O Brasil, onde tem maior disputa pelos territórios ocorreu 70 assassinatos. Em toda a América Latina cresce a repressão, a violência incessante, conflitos no campo, assassinatos coletivos e a criminalização mediática e penal, ataques violentos, desaparecimentos, acoso sexual, ataque à família, etc.

c. Desafios

- Implementar medidas que garantan que las empresas de explotación de Bienes Naturales, lo hagan de conformidad con los tratados internacionales de derechos humanos, tanto los países anfitriones, a la luz del artículo 36 de la Carta de la OEA, como los estados de origen
- Incorporar los estándares internacionales de derechos humanos en leyes y políticas de desarrollo y de extracción de recursos naturales, considerando, la obligación de prevenir daños irreparables, realizar una consulta libre, previa e informada a los pueblos indígenas y buscar su consentimiento
- Establecer mecanismos que aseguren una protección judicial efectiva para proteger y remediar las violaciones de derechos humanos derivadas de la extracción de recursos naturales.
- Abstenerse de firmar convenios internacionales que impliquen renunciar a su jurisdicción sobre controversias derivadas de proyectos extractivos, especialmente cuando colisionen con obligaciones en materia de derechos humanos.
- Abstenerse de firmar convenios internacionales que impliquen renunciar a su jurisdicción sobre controversias derivadas de proyectos extractivos, especialmente cuando colisionen con obligaciones en materia de derechos humanos.
- Incorporar estándares internacionales de derechos humanos en la regulación de las agencias de crédito e inversión pública y privada que financian actividades extractivas y abstenerse de brindar apoyo jurídico, político o financiero a las empresas involucradas en violaciones de derechos humanos.
- Abstenerse de proveer apoyo gubernamental, a través de programas de desarrollo, acuerdos comerciales y/o de asociación, financiamiento público o asistencia técnica o política, que tenga el objetivo de influenciar marcos regulatorios flexibles para la inversión y en detrimento de las obligaciones de garantizar los derechos humanos en los países receptores de los proyectos extractivos.
- Incorporar estándares internacionales de derechos humanos en la regulación de las agencias de crédito e inversión pública y privada que financian actividades extractivas y abstenerse de brindar apoyo jurídico, político o financiero a las empresas involucradas en violaciones de derechos humanos.
- Garantizar un efectivo acceso a la justicia ante los órganos jurisdiccionales para que las víctimas de violaciones a derechos humanos provocadas por empresas extractivistas puedan obtener justicia, verdad y reparación integral.
- Crear mecanismos objetivos, imparciales y eficaces de monitoreo e investigación de denuncias de violaciones a derechos humanos provocadas por empresas extractivistas. Tales mecanismos deben ser diseñados de conformidad con los Principios de París sobre el estatus y funcionamiento de las instituciones nacionales de derechos humanos. Sanción y mitigación de los daños causados

- Coadyuvar para que se cumplan las medidas de suspensión de los proyectos y el retiro de las empresas, cuando corresponda, y para que se adopten medidas suficientes de reparación integral y mitigación de los daños causados.
- d. Algumas luzes para o caminho
- Maior oposição organizada desde as comunidades apesar dos riscos.
 - Defesa do direito a consulta, a participação cidadã e ao consentimento.
 - Reconhecimento do Direito a defender os direitos.
 - Espaços de articuladores a diferentes níveis.
 - A Igreja dos pobres, segue com os pobres.
 - Iniciativas para mudar as regras do jogo: litígios estratégicos, Tratado vinculante de empresas e Direitos Humanos, *Ombudsperson* no Canadá (com as vítimas das mineradoras canadenses).
- e. O apelo da *Laudato Si*
- O Papa Francisco faz uma chamada para proteger nossa casa comum “que inclui a preocupação de unir toda a família humana em busca de um desenvolvimento sustentável e integral”.
 - A humanidade ainda possui a capacidade de construir nossa casa comum.
 - Devemos unir nossas vozes e esforços, porque o desafio ambiental que vivemos e suas raízes humanas nos interessam e impactam a todos nós.

4.2 CAMINHADA DA IGREJA NO BRASIL, NA AMÉRICA LATINA E CARIBE: ITENS PARA REFLETIR

Daniel Seidel¹ (Brasil)

Marcos para pensar o papel da Igreja e de Cristãos/ãos na sociedade:

- Documento de Aparecida, e como retoma a eclesiologia do Vat. II (2007): retoma e reafirma assim valores tipicamente eclesiais da América Latina e do Caribe, como a opção pelos pobres, intrínseca à fé em Jesus; a importância das pequenas Comunidades de base na estrutura eclesial; o método Ver, Julgar e Agir para qualquer projeto pastoral; o valor e a centralidade da Bíblia; a retomada do Concílio Vaticano II, como referência indispensável da Igreja atual; a dimensão de libertação, tal como ensinava a Teologia da Libertação, que inspira de todo o Documento; a relação necessária entre conversão pessoal e conversão estrutural dentro e fora da Igreja; o protagonismo evangelizador dos Leigos, todos Discípulos-Missionários por força do próprio batismo (Portal A12, de 25 de abril de 2017).
- Profecia do Papa Francisco: Encíclica Alegria do Evangelho (2013), *Laudato Si* sobre o Cuidado com a Casa Comum (2015), Carta sobre o “Indispensável papel dos Cristãos leigos na Vida Pública” - “Santo Povo Fiel de Deus” – *sensus fidei*, (2016), Discursos do Papa Francisco nos 3 Encontros de Diálogo com Movimentos Sociais (3 Ts: Terra, Teto e Trabalho), Encontro de diálogo com Povos Indígenas em Puerto Maldonado (Peru, Jan-18), Doc. Considerações Éticas sobre Economia e Finanças, do Dicastério para Desenvolvimento Humano Integral, Congregação de Doutrina e Papa Francisco.

¹ Daniel Seidel, mestre em Ciência Política pela UnB, membro da Comissão Brasileira Justiça e Paz da CNBB, e assessor REPAM-Brasil, eixo DDHH e Incidência Política, membro do Grupo de Reflexão da CNBB para o Sínodo para Amazônia.

- Documento 105 da CNBB – “Cristãos leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade”, notas da CNBB: sobre a PEC da Morte (out-16), sobre a Reforma da Previdência (Mar-17), sobre o Momento Atual (maio-17): reforma da Prev. Social, Reforma Trabalhista.
- **Contudo:**
 - “... na realidade atual a Igreja do Brasil continua até hoje caracterizada pelos movimentos espiritualistas das últimas décadas. Não são poucos os bispos, sacerdotes e diáconos formados dentro do espírito da Igreja sonhada por São João Paulo II como uma instituição forte e centralizadora, em que a obediência às rubricas litúrgicas, a evangelização feita por pop-stars e o gosto do confronto espiritual entre o bem e o mal criou um catolicismo em grande parte rendido ao pentecostalismo. As propostas do Documento de Aparecida e dos documentos posteriores da CNBB ainda não têm força para mudar as estruturas atuais da Igreja e transformá-la em Igreja Povo de Deus e comunidades de comunidades vivas” (Portal A12, de 25 de abril de 2017).
 - Dinâmica da CNBB após Vaticano II: CNBB: voz da Igreja do Brasil – Agentes liberados das Pastorais sociais (CPT, CIMI, CPP, Justiça e Paz, PJs, entre outras). Após a Reforma do Estatuto (2001 em diante), é apenas a voz dos Bispos do Brasil e com pouca repercussão na base.
 - Canais de televisão católicas: programação devocional, mercado de produtos litúrgicos e religioso, e também “saúde e beleza” – Paróquias, Cebs, Paróquias, Padres como príncipes nas paróquias, o mais importante são os incensos, as vestes, a pastoral dos milagres.
- **Novidades:**
 - Articulação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) (9 países da Pan-Amazônia), out/2014.
 - Definição da Assembleia da CNBB de 2016 (Doc. 105) sobre o Ano do Laicato de nov/2017 a nov/2018.
 - Manifestação de mais de 100 bispos em apoio à Greve Geral de 28-04-2017 contra a Reforma da Previdência Social no Brasil.
 - Criação da Comissão Especial da CNBB para o Ano do Laicato em abril de 2017, com legado social.
 - Criação, durante Assembleia Geral da CNBB de 2017, da Fundação Bento XVI, para resgate das contribuições do papa emérito para Igreja Católica.
 - Carta ao CELAM do Papa Francisco, 10 anos após Conferência de Aparecida.
 - Realização dos Seminários da REPAM sobre a *Laudato Si* nos Regionais e Dioceses da Região da Amazônia Legal (Brasil), retomando diálogo entre a Igreja e suas Pastorais Sociais com Movimentos Sociais (Mov. Populares, Sindicatos e Universidades).
 - Convocação em out/2017 do Sínodo para *Amazônia: novos caminhos para Igreja e para uma Ecologia Integral*, publicação do Doc. Preparatório para realizar a escuta.
 - Doc. do CELAM (2018), recepcionando a *Laudato Si* no contexto da América Latina e Caribe: *Discípulos missionários, custódios da Casa Comum*, cita *mineração*, 24 vezes no corpo do documento.
- **Desafios:**
 - Despertar a consciência do múnus batismal triplo nos cristãos leigos e leigas: profética, sacerdotal e régia, comprometendo com lutas concretas em defesa da vida.
 - Criar estratégias: canonização de Dom Romero e Papa Paulo VI, em outubro/2018.

- Como superar o dualismo de nossas análises eclesiais? - indo para ação concreta. Discurso do Papa Francisco para seguirmos o exemplo de Maria (2º Encontro com Mov. Populares realizado em julho de 2015, em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia)
- Importância do Documento da CAL: *Indispensável compromisso dos Fiéis Leigos na Vida Pública nos Países Latino-americanos*, com suas diretrizes e Carta de Francisco.
- Com o Papa Francisco, está havendo mais estudos sobre a Ensino Social da Igreja.
- A partir do Documento *Considerações Éticas sobre Economia e Finanças*: mostrar que corrupção é o coração do sistema do lucro, economia que mata. Chegar a atores-chaves: Casais, Catequistas, Ministros da Eucaristia, equipes de liturgia.
- Fazer alianças com as Pastorais Sociais, com a Organizações do Laicato em cada país, REPAM e setores evangélicos progressistas. É preciso reconhecer o papel dos evangélicos. É possível dialogar.
- Diálogo da Igreja com Movimentos Populares, Centrais Sindicais, Mov. Sociais: realizar Encontros de Diálogos sobre os 3 T's nas Dioceses com Movimentos Sociais.
- Resgatar a Carta do Papa para os Bispos do CELAM, bem como o Documento do CELAM que recepciona a *Laudato Si* na América Latina, que é o que mais cita a "Mineração".
- Fazer chegar às bases das Dioceses o Documento Preparatório para o Sínodo da Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral.
- Para o Sínodo para Amazônia: promover a escuta dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais atingidas pela mineração, dos Movimentos Populares e Sociais, das Comunidades Eclesiais de Base.

Um breve diálogo os participantes resgataram alguns temas chave:

- Os tempos que se pedem estratégias novas para enfrentar os desafios do sistema neoliberal. Uma interpretação distorcida produz estratégias distorcidas e não correspondem aos desafios. Para enfrentar os desafios atuais é preciso superar a visão romântica, ter uma visão realista sociedade e da Igreja.
- Na conjuntura atual nos países latino-americanos se caracteriza por um discurso desenvolvimentista que favorece um grupo privilegiado provocando uma mutação política em que se rompe as regras e destrói os espaços democráticos de participação social. Não há limites e respeito pelos acordos internacionais, a legislação é utilizada para perseguir e criminalizar. O Estado é um instrumento do sistema neoliberal; Estado com aparência de esquerda, mas aliados as empresas transnacionais. Em vários países o Estado busca ratificar a própria legislação para favorecer as empresas no uso da terra, da água, etc. O Estado está sendo suplantado pelas grandes corporações nos campos da saúde, educação. Manejo da tecnologia e o desmonte do Estado de bem-estar.
- A ruptura democrática no Brasil é um dos exemplos mais nítidos do que se está vivendo em toda a América Latina: o que era direito transformou-se em uma cadeia de conflitos e delitos: por terra, água, organização social, conflitos por mineração, etc.
- As empresas demandam ao Estado, criam suas próprias estruturas que velam por seus interesses e instalam seus tentáculos fortes no território.
- Estratégia de manipulação mediática. Os meios de comunicação deixam de ser instrumentos de informação e se convertem em espaço de elaboração e decisão de ideias e sistema de controle, inviabilizam e criminalizam ações coletivas, geram e reproduzem o medo. Deslegitimam os processos das comunidades com informações que geram confusão.
- Cria-se um estado de opinião em que o importante não é o que se faz, mas o que se crê. Constrói-se mecanismos para convencer as pessoas de algumas ideias enfeitadas de bons propósitos e logo se instala um silêncio. Usa-se a tecnologia para dar ideia de participação

e decisão coletiva até mesmo daquilo que vai contra os direitos fundamentais. As empresas com grande poder econômico produzem campanhas midiáticas gerando uma imagem ética de si mesmas e criminalizam o movimento social e lideranças que são contra o desenvolvimento.

- Amplia-se um discurso de salvação dos valores tradicionais que as pessoas acabam por apropriar-se de forma irracional, emocional e passional produzindo uma desconexão. Alimenta-se de uma pobreza mental, dependente da técnica.
- Em vários países e setores da América Latina, no processo de criar consciência local e nacional, as conferências episcopais e clero local tem sido um forte aliado das lutas do povo. Em El Salvador, seja na hierarquia como na base esteve muito presente nas lutas e sofrimentos do povo e se pronuncia na defesa dos interesses comuns. A conferência episcopal está sofrendo ataques da direita, consequência do enfrentamento com os poderes.
- Mais tem uma parte da Igreja não desce para a base. É necessário compreender as causas que levam parte da Igreja hierárquica, de bispos, paróquias e leigos a não se comprometerem, aceitarem ajuda de mineradoras e apoiarem a desenfreada atividade extrativista em detrimento da vida da população local e da natureza. Há uma ausência de um tipo de laicado comprometido. É preciso ver a formação dos leigos e a planificação dos empresários com a Igreja, uma teologia ligada ao poder (o melhor estudo dos profetas, para desvirtuar os profetas). Nota-se um descuido para com os documentos de Medellín, Puebla que foram inspiradores do compromisso eclesial com a vida dos povos latino-americanos.
- É preciso visibilizar o complexo matrimônio entre o poder político, econômico e religioso nos níveis locais e nacionais. Há muitas formas de comprometer a hierarquia católica e de outras igrejas com mecanismos de chantagem: exoneração econômica, carros e outros benefícios. Como distanciar?
- Constata-se uma mudança entre a religiosidade popular por piedade popular que traz consigo uma lógica que faz-se necessário compreender a fundo. A não divulgação ou seletividade dos documentos eclesiais.
- Em tempos de incertezas, de uma teologia da prosperidade e fundamentalismos, formação superficial que não resiste a cooptação que vem de tantas formas, onde retira-se a possibilidade de caminhos coletivos. A ignorância é programada: alienação da vida concreta, dos valores comuns, a descrença nos processos que desmontam a vida comunitária, os sonhos e utopias.
- Para que a esperança siga e se possa fazer a travessia, é preciso buscar vivências coletivas e compartilhadas, referências profundas, superação do medo das grandes estruturas, formação sólida que reafirme os valores mais genuínos do Cristianismo, caminhos comuns e levantar a consciência coletiva. Deixar-se, uma vez mais, evangelizar pelos pobres, caminhar com o povo, aprender a sabedoria milenar dos povos originários sem pensar que a Igreja tem soluções definitivas, que a teoria e práxis caminham juntas.
- Grande demanda das riquezas naturais: o preço dos minérios continua subindo: a grande demanda dos produtos que utiliza os metais cresce associada a tecnologia de ponta e a publicidade gerando uma corrida desenfreada pelo lucro. Enquanto seja rentável, essa situação vai continuar. As empresas estão atuando e estamos atrasados.
- Nessa corrida pelos metais, há um saber técnico, acadêmico à serviço desse processo, produzindo soluções definitivas, qualifica resultados opostos e favorece a tecnologia como um novo impulso para a exploração de minério. A produção de celular consome mais de 250 minerais.
- Como fazer para que a tecnologia e a Universidade estejam a serviço do processo de transformação e do bem comum? É importante que a academia deve estar participando e não chegar com solução definitiva e sem diálogo com a comunidade.

- A importância de ter mais dados sobre os conflitos por mineração. Há 33 anos a Comissão Pastoral da Terra (CPT) publica o caderno de conflitos no campo e muitos desses conflitos estão interligados com a mineração no Brasil. A CPT sente a necessidade de ter dados mais sólidos sobre os conflitos por mineração.
- Essa dinâmica mata vida e sonhos:
 - Fragmentação da população? Cresce nos territórios o narcotráfico e o tráfico de pessoas, utilização dos jovens, dentre outros mecanismos de violência e morte.
 - Exacerbação do medo em todos os campos da vida como instrumento de dominação impondo um modo de viver e desse medo nasce o fundamentalismo.
 - A destruição das organizações de base e movimento social; as empresas compram as pessoas com pouco.
 - Crescimento da pobreza, migração forçada das comunidades.
 - Enfraquecimento dos movimentos sociais que marcaram a resistência dos povos na América Latina: autoreferencialidade, desvios de recursos comunitários, cooptação dos agentes de base. Onde está a geração de relevo, dos jovens em formação?
- O que aprender com as comunidades afetadas?
 - A questão da migração e exploração dos minérios, particularmente dos hidrocarburos que é um grande potencial na América Latina em prospecção de exploração, migração das corporações para esse campo de exploração.
 - A possibilidade de criar leis municipais que restrinjam a exploração, ainda que o direito de exploração do subsolo seja de união. É preciso capacitar nesse campo e expandir as experiências e consequências.
 - O direito à água e a questão da privatização da água. Entra-se em um período de grande escassez de água. Este é um campo de duro trabalho.
 - Resistências locais e nacionais: de comunidades afetadas, quanto mais consumismos, provocamos mais demandas de minerais, campanhas para que não se compre minerais de países em conflito (Ex.: campanha espanhola), celulares que têm selos de que os minerais utilizados não saíram de zonas de conflitos.
 - Que geração está se formando para gerar processos de mudança nos diferentes países da América Latina?
 - A importância do testemunho de compromisso e criatividade.



4.3. ESCUTA DAS REALIDADES

Os participantes abordaram durante 15 minutos as realidades de seus países:

COLÔMBIA

Um mapa apresentando os conflitos ambientais no mundo, onde a maioria desses conflitos estão na América Latina pela indústria extrativa. O conflito existe porque alguém está reagindo a ocupação e exploração do território. A Colômbia conta com 8 milhões de deslocados pelo extrativismo imposto pela violência, migração forçada, despojos das terras em função dos interesses do extrativismo, da agroindústria e dos grandes projetos de infraestrutura. O Estado está à serviço do grande capital internacional, favorecendo a legislação ambiental, mineira, ZIDRES (...), etc., e coloca em risco o processo de paz. Esta é a realidade dos últimos governos de Uribe, Santos e novo governo. A questão política e mineira está profundamente ligadas.

NICARÁGUA

Apresentação de um mapa de estudo onde há ouro e de concessão mineira no país. Favorecimento do Estado a atividade mineira através de aprovações de leis com impacto ambiental reduzido ao mínimo. Os impactos são invisíveis: contaminação da água. Pessoas dedicadas à mineração artesanal, organização da comunidade, estudo do território pela sociedade civil e os impactos sociais. O apoio da Igreja aos camponeses e a respectiva organização e capacitação. A diocese fez um comunicado contra a mineração, missa campal e marcha de 25 pessoas. Um referendo para que o povo manifestasse a sua vontade, o assédio e ameaça das empresas mineradoras à Igreja.

CHILE

O país tem grandes conflitos pela mineração, especialmente do cobre, e dos projetos de infraestrutura. Há um convênio bilateral de Chile e Argentina de exploração de minas. O Estado pensa que a mineração é um ganho para o país, mas não é verdade, a experiência junto as comunidades afetadas pela mineração, mostra o triste resultado: entre outros impactos, tem-se projetos de estudo do impacto ambiental de destruição dos glaciais pela extração do ouro, a Serra Pascua Lama é a mina da fome.

ARGENTINA

O país conta com áreas afetadas e contaminadas pela mineração a céu aberto, centrais nucleares, projeto IIRSA (Iniciativa de integração da Infraestrutura regional sul-americana que não esta desvinculado da mineração. O projeto Pascualama² tem provocados graves danos no território, a destruição de lugares sagrados. Distintos âmbitos do governo argentino representam as empresas e os seus interesses, e colocam as forcas repressivas contra os povos originários que se manifestam contra os sindicatos mineiros que apoiam as empresas. Por outro lado, 33 comunidades do norte da Argentina resistem a exploração do lítio. A mobilização popular conseguiram bloquear empreendimentos mineiros e nucleares em alguns lugares. Os bispos da Patagônia tem se pronunciado fortemente contra a mineração.

HONDURAS

Extratativismo mineiro-energético e resistências pela vida.

Extração em cifras:

- 165 projetos mineiros em exploração, 291 em exploração, 611 solicitações, 950 títulos mineiros, 195 projetos hidroelétricos =

No hay ningún lugar del planeta en el que sea más probable morir asesinado por protestar contra el expolio de tierra y la destrucción del mundo natural que en Honduras.

Global Witness Enero 2017

² A Pascua-Lama é a primeira mina binacional do mundo, na fronteira entre o Chile e Argentina. A área é uma das maiores jazidas de ouro e prata do mundo.

123 produzem até 5 MW e 72 de 6 até 274 MW, 170,000 hectares de Palma africana cultivada que consome grande volume de água, 15 plantas solares em operação e 22 em construção, 2 eólicas, 2 biomassa, 8 megaprojetos turísticos.

- Privatização da água na América central: Projetos hidroelétricos: Honduras: ao menos 72 grandes e 123 pequenas; Guatemala, ao menos 25 centrais; El Salvador, ao menos 6 centrais; Nicarágua, ao menos 52 centrais; Costa Rica, ao menos 24 e Panamá, ao menos 100.

Em Honduras, junto aos rios, vende-se também os territórios e o subsolo. Crescimento atual e potencial da atividade mineira. As áreas protegidas foram modificadas e abertas à mineração, afetando as micro-bacias. Atualmente a costa norte é a região mais afetada.

- Resistência: O movimento ambiental do Sul congrega as organizações que estão lutando pela vida em Honduras, em processos que levam mais de dois anos de resistência através de acampamentos permanentes. Movimentos que surgiram desde a Igreja, em três dioceses. Desde o golpe de Estado de 2009 a situação complicou-se ainda mais.
- Muitos são os mártires dessa luta pela vida em uma história marcada pela repressão, sequestros, golpes de Estado, entre esses Berta Cáceres. Os líderes são marginalizados e estigmatizados.
- Continuidade dos processos favorecendo a formação de facilitadores jurídicos para que façam ações de tutela, processos de consulta frente a mineração, na formação dos religiosos, reservando tempo para o tema do extrativismo. A necessidade de impulsionar ainda mais esta dimensão na vida religiosa, em um trabalho de sensibilização e de parceria no acompanhamento a esta realidade.
- Desafios e perspectivas:
 - Gerar capacidades políticas e organizativas desde o comunitário para fazer frente ao setor extrativistas e as elites políticas.
 - Reforma das instituições, leis e mecanismos de supervisão e controle ambiental e social, livres das ingerências externas, chantagens e corrupção.
 - Fortalecer as lutas relativo a autodeterminação das comunidades sobre seus bens naturais e territórios.
 - Aposta pelas articulações regionais, partindo do local e comunitário, sobre a base da confiança mútua.

PERU

Contamina, mas me dá de comer. A história do Peru é marcada pela exploração mineira. Muitos lugares que o povo somente vive das minas, e por elas, venderam suas terras, casas, escolas em troca de um salário e aliciado por um discurso da “nova mineração”, assinando convênio para toda a vida. Quando o Estado dá uma concessão mineira ele dá todo poder a empresa. Verifica-se uma corrupção endêmica nas instituições.

A resistência existe, mas não é fácil resistir e acompanhar as comunidades para que seus direitos sejam respeitados e onde a comunidade não quer a mineração. Iniciou-se uma investigação para ver a quantidade de metal no organismo das pessoas, e a permissão para realizar as análises



demoraram mais de um ano. Os estudos que evidenciaram a presença de mais de 14 metais presente no corpo das pessoas provocaram mudanças e avanços no processo de resistências: vários projetos de leis foram aprovados, proposta nacional de atenção às pessoas contaminadas pela mineração, laboratório ambiental na Diocese, etc.

A chegada de Mons. Pedro Barreto (2004) foi muito importante para a caminhada, fortalecendo o diálogo com comunidade. Ainda é necessário avançar e construir alternativas ao desenvolvimento extrativista e deixar-se animar pelo povo.

EL SALVADOR

Vendeu-se a ideia que mineração iria tirar o país da pobreza. Em 2004 instalou-se a empresa mineira com permissão para exploração artesanal. O país foi invadido por uma sequência de problemas ambientais: mudança climática, desmatamento, uso do agrotóxico na agricultura, contaminação das águas. Foram realizadas várias atividades e investigações (UCA) para divulgar a problemática, denunciar o impacto ambiental e as empresas mineradoras (2005), com apoio da Igreja e de instituições nacionais e internacionais. O apoio da Igreja, na pessoa do Bispo foi fundamental. Aos poucos a população começou a posicionar-se contra a mineração que contamina e mata. Não faltaram ameaças, criminalização e assassinatos por parte daqueles que querem apossar-se dos bens comuns (2009). O movimento ambiental está em crescimento com apoio da Igreja católica: o movimento pela água se fortaleceu, a aprovação unânime de um marco jurídico contra a mineração e a proibição da mineração mecânica no país (2017). As comunidades seguem resistindo a este modelo depredador e a prepotência dos poderes. A solidariedade internacional e instituições estão muito presente e acompanham.

4.4. REFLEXÃO TEOLÓGICA E PASTORAL - Mons. Bruno-Marie Duffe

RED IGLESIAS Y MINERIA: Los Gritos de las Comunidades Afectadas por la Minería

ELEMENTOS PARA SOSTENER LA REFLEXION A PARTIR DE LA REFERENCIA A LAUDATO SI

Msgr Bruno-Marie DUFFE

Secretario del Dicasterio para el servicio del Desarrollo Humano Integral (Vaticano) Julio 2018

1. **La referencia a la Encíclica «Laudato si» (2015) del Papa Francisco ofrece una perspectiva crítica y prospectiva**, a los niveles de la teología de la creación y de la ética económica y social, que nos llama a una consideración conjunta de la tierra, de la comunidad y de nuestra relación con las riquezas naturales.

“Una presentación inadecuada de la antropología cristiana pudo llegar a respaldar una concepción equivocada sobre la relación del ser humano con el mundo. Se transmitió muchas veces un sueño prometeico de dominio sobre el mundo que provocó la impresión de que el cuidado de la naturaleza es cosa de débiles. En cambio, la forma correcta de interpretar el concepto del ser humano como «señor» del universo consiste en entenderlo como administrador responsable” (LS n° 116)

2. **La problemática de las minas junta las tres dimensiones de**
 - a. **la naturaleza** como creación **recibida** (de Dios y de las generaciones pasadas),
 - b. **la tierra**, con sus riquezas, sus límites y **fragilidad**
 - c. **la comunidad**, con la **responsabilidad** del **cuidado** de la tierra y del **futuro** de todos los que viven en el mismo contexto de vida.
3. **Tenemos que pensar las tres dimensiones juntas:**
 - a. de **la tierra** – como **“bien común”** –
 - b. de **las riquezas naturales** – como riqueza de la **comunidad** (y no como objeto de beneficio, de especulación o de poder de unos, solamente

c. **del futuro que incluye la salud y las condiciones de vida de las generaciones, de ahora y de mañana, sobre la tierra de los ancestros, de los padres y de los hijos/ hijas ...**

4. **Como posibilidades (¿condiciones?) de desarrollo económico (¿sin límite? – aunque sabemos que estamos en un contexto de límites), las minas son objetos de intereses particulares de empresas nacionales e internacionales.** Sabemos que la posibilidad para las empresas, de proceder a las extracciones, está sometida a la autorización de los gobiernos. Es decir que este problema de las minas es claramente un problema económico-político.
5. **¿Por qué la Iglesia tiene que preocuparse de las minas?**
Porque no se trata únicamente de las minas sino también – y primordialmente, de la creación (bien común de la humanidad), de la dignidad de los pueblos y del respeto de sus derechos humanos. Las minas, vistas como tesoro de la tierra y de la creación no pueden estar reducidas a ser objetos de comercio. Hay, en la tierra más que un objeto: hay una experiencia de relación con el origen y con la alteridad, con el inicio y con la muerte, con los muertos y con la vida que viene de la tierra y que es un servicio de la tierra. El hombre viene de la tierra y va a la tierra. Cada uno tiene una relación básica con la tierra, especialmente en los países de América Latina. Esta experiencia establece una proximidad y un dialogo entre la tierra, su riqueza (agua y minerales) y la comunidad humana que tiene una relación especial (de maternidad, de memoria y de esperanza) con la tierra.
6. **Podemos decir, a propósito de las minas, que el debate lleva a un pensamiento que toca las condiciones, el cuidado y el futuro de la vida de los pobres. En este debate, la Iglesia tiene una misión de vigilante, de ser voz de – y con – los pobres, de facilitar el intercambio de experiencias y conocimientos, de aconsejar.** Su misión es profética, tiene que *denunciar* las violencias hechas contra los pueblos pobres, cuando estos no pueden continuar viviendo sobre sus tierras que quieren y que están para ellos, como una madre y un elemento fundamental de sus vidas... La iglesia tiene que *anunciar* que otra política es posible, fundada sobre la consideración del tesoro cultural y religioso de las comunidades indígenas. Esta política y esta ley deben garantizar una protección a la tierra y a las comunidades.
7. **La doctrina (o enseñanza) social de la Iglesia se presenta, desde hace un siglo y medio, con 4 principios fundamentales:**
 - a. **El principio de la dignidad humana** que afirma el carácter único de cada persona (y que no permite que una persona sea reducida a ser un objeto)
 - b. **El principio de la subsidiaridad** que llama a la responsabilidad de todos (en todos los niveles de la vida común)
 - c. **El principio de la solidaridad** que anuncia que cada humano es precioso y que hace falta una cooperación entre todos.
 - d. **El principio del “bien común”** que recuerda que la creación: los elementos (tierra, agua, mar y riquezas naturales) son más preciosos que todo y que no pueden ser la propiedad de ninguno. El “bien común” supone que todos deben tener acceso a lo que es necesario para vivir como seres humanos: agua, tierra y palabra para construir un futuro humano. Claro que el principio del “bien común” es un principio crítico de la propiedad privada. No es posible, por último, justificar la propiedad de la tierra por un hombre o un grupo.
8. **El texto de la Encíclica “Laudato si” propone el concepto de “ecología integral” y llama a una “revolución ecológica” (a nivel económico, pero también cultural y espiritual) que da el verdadero significado al “desarrollo humano integral”.** El sujeto del desarrollo no es la tierra sino los miembros de la comunidad humana en relación permanente con la tierra y con los otros. Cada miembro de la comunidad tiene un papel y una parte de responsabilidad. Esta responsabilidad es un derecho y un deber. Por eso, esta manera de participar activamente, como ciudadano y como hermano de los otros tiene una condición: poder vivir sobre su tierra. Como dice el Papa Francisco: las tres condiciones primeras de una vida digna siguen siendo: “una tierra, un techo, un trabajo”. Cuando hablamos de “desarrollo humano integral”, hablamos de todas las dimensiones de la persona. Y sabemos que cuando una dimensión no es respetada, la humanidad entera va a sufrir. Y una revolución se va construyendo... El “desarrollo humano integral” es un programa que supone una conversión

ética, económica, política y espiritual, porque este desarrollo es una historia que involucra la vida de todos los humanos y de toda la persona humana. Cada uno/una tiene un “carisma”, una promesa que debe ponerse al servicio de los otros. El cuidado de la tierra es también el cuidado del conjunto del hombre y de toda la creación.

“En este sentido, es indispensable prestar especial atención a las comunidades aborígenes con sus tradiciones culturales... Cuando permanecen en sus territorios, son precisamente ellos quienes mejor los cuidan. Sin embargo, en diversas partes del mundo, son objeto de presiones para que abandonen sus tierras a fin de dejarlas libres para proyectos extractivos y agropecuarios que no prestan atención a la degradación de la naturaleza y de la cultura.” (L.S. n° 146)

9. El problema de las minas y minerías es un problema central en la problemática del desarrollo humano, porque conduce a “pensar de manera conjunta” 4 puntos de la consideración de la humanidad en la relación con los elementos de la creación:

- a. **La consideración** de la tierra y de la vida (fuerte y frágil)
- b. **La relación** entre las generaciones (memoria y futuro)
- c. **El conocimiento** de los elementos que llevan el origen y el destino de la vida
- d. **La contemplación** como experiencia interior, de la belleza de la creación

“Cuando insistimos en decir que el ser humano es imagen de Dios, eso no debería llevarnos a olvidar que cada criatura tiene una función y ninguna es superflua. Todo el universo material es un lenguaje del amor de Dios, de su desmesurado cariño hacia nosotros. El suelo, el agua, las montañas, todo es caricia de Dios. La historia de la propia amistad con Dios siempre se desarrolla en un espacio geográfico que se convierte en un signo personalísimo, y cada uno de nosotros guarda en la memoria lugares cuyo recuerdo le hace mucho bien. Quien ha crecido entre los montes, o quien de niño se sentaba junto al arroyo a beber, o quien jugaba en una plaza de su barrio, cuando vuelve a esos lugares, se siente llamado a recuperar su propia identidad.” (L.S. n° 84)

10. El debate a propósito de minas y minerías toca la pregunta de la identidad de cada uno. Esta reflexión abre un camino a pensar el futuro de la creación y de la humanidad. Este debate nos conduce a una teología y a una ética de la responsabilidad. Es decir que estamos al punto del encuentro entre los reinos de la vida: mineral, animal, vegetal y humano. Tratándose de las minerías, se trata del carácter de la creación y del mundo y, al mismo tiempo, de la relación entre el hombre y el mensaje silencioso de la tierra, una tierra en diálogo con los hombres – y que no puede ser reducida a minas y minería, como objetos sin sentido.

“La contemplación de la creación nos permite descubrir, en cada cosa, una enseñanza que Dios quiere transmitir a nosotros, porque, “para el hombre que cree, contemplar la creación es también escuchar un mensaje, una voz paradójica y silenciosa” (Juan Pablo II, Enseñamenti 23/1; 26 de Enero 2000) (...) Podemos decir que, “al lado de la revelación, por su misma, contenida en las Escrituras Santas, hay una manifestación de Dios en el sol que da su luz como en la noche que se cae.” (Juan Pablo II, Enseñamenti 23/2; 2 de agosto 2000) (...) “Yo me digo, cuando digo el mundo; yo exploro mi propia sacralidad cuando yo descifro la sacralidad del mundo” (Paul Ricoeur, Filosofía de la voluntad: finitud y culpabilidad, Seuil, Paris 2009, p. 216)

Con las minas, hablamos de la sacralidad de la relación entre la creación y el hombre y entre los hombres, en “una comunidad responsable”.

(BMD 31.07.2018)

5. Trabalho em grupos

A encíclica *Laudato Si* que oferece uma perspectiva e prospectiva crítica sobre a problemática da mineração desde as três dimensões: natureza, terra e a comunidade. O texto *Red Iglesias y minería, los gritos de las comunidades afectadas por la minería. Elementos para sostener la reflexión a partir de la Laudato Si*, de Mons. Bruno-Marie Duffe, Secretario do Dicasterio para o Desenvolvimento Humano Integral (Vaticano), foi a base da reflexão de grupos que destacaram:

Grupo 1: item 1

Sobre a crise e as consequências do antropocentrismo.

Quais os outros elementos antropológicos, teológicos e ideológicos que serviram de suporte a esta visão do mundo que gerou este processo de degradação?

A referência a Encíclica *Laudato Si* (2015) do Papa Francisco oferece uma perspectiva crítica e prospectiva nos níveis da teologia da criação e da ética econômica e social que nos chama a uma consideração conjunta da terra, da comunidade e de nossa relação com as riquezas naturais. Pode ser que uma apresentação falsa da antropologia cristã conduziu a uma consideração errônea da relação entre o ser humano e o mundo. Um sonho *prometeano* de dominação sobre o mundo foi com frequência transmitido, e deu a impressão que salvar a natureza é um trabalho para os débeis. A maneira correta de interpretar o conceito de ser humano como senhor do universo é mais de considerar como administrador responsável (LS, 116).

Grupo 2 (Item 2 e 3):

Os pontos 2 e 3 tratam da ecologia e da vida além do lucro a curto prazo e da concepção da criação como objeto. O que falta ou sobra neste ponto?

A problemática das minas junta as três dimensões de A. Natureza como criação recebida (de Deus e das gerações passadas); b. A terra com suas riquezas e suas limitações e fragilidades; c. A comunidade com a responsabilidade do cuidado pela terra e do futuro de todos os que vivem no mesmo contexto de vida.

Temos que pensar juntas as três dimensões: a. da terra como bem comum; b. As riquezas naturais, como riqueza da comunidade e não como objeto de benefício, de especulação ou de poder de alguns; c. Do futuro que inclui a saúde e das condições de vida das gerações, de agora e de amanhã, sobre a terra dos ancestrais, dos pais e dos filhos e filhas.

Grupo 3: Item 4

Como se está resolvendo ou como se pode resolver a tensão entre os recursos que as comunidades e os países necessitam e a preservação da casa comum?

Quais possibilidades (condições?) de desenvolvimento econômico (sem limites?) – mas sabemos que estamos em um contexto de limites) – as minas são objetos de interesses particulares de empresas nacionais e internacionais. Sabemos que a possibilidade para as empresas de proceder a extração está submetida a autorização dos governos. Isso significa que o problema das minas é claramente um problema econômico-político.

Ver a importância que os minerais são essenciais para o bem comum. O ouro não é essencial, o petróleo é usado por muitos. Uns países são consumidores e produtores de miséria e lixo.

Faz-se necessário que os povos sejam soberanos nos seus territórios e que não sejamos uma sociedade cúmplice do colonialismo exercido sobre as comunidades.

Grupo 4. Item 5

Quais as chaves epistemológicas que podemos utilizar para ir rompendo o imaginário coletivo e a compreensão antropológica, teológica e socioeconômica da vida e da realização humana instalada em nossa cultura?

Porque a Igreja tem que preocupar-se com as minas?

Porque não se trata unicamente das minas, mas também e primordialmente, da criação, bem comum da humanidade e da dignidade dos povos e do respeito aos seus direitos. As minas vistas como tesouro da terra e da criação não podem ser reduzidas a objetos de comércio. Há uma experiência de relação com a origem e com a alteridade, com o início e com a morte, com os mortos e com a vida que vem da terra e que é um cuidado da terra. O homem vem da terra e retorna para a terra. Cada um tem uma relação primeira com a terra, especialmente nos países da América Latina. Esta experiência estabelece uma proximidade e um diálogo entre a terra, sua

riqueza (água e minérios) e a comunidade humana que tem uma relação especial (de maternidade, de memória e de esperanças) com a terra.

Grupo 5: Item 6

Quais são os obstáculos mais profundos que impedem que muitas pessoas crentes assumam o cuidado com a casa comum constitutivo de sua fé?

Podemos dizer, a propósito das minas, que o debate chama a um pensamento que toca as condições, o cuidado e o futuro da vida dos pobres. Neste debate, a Igreja tem uma missão de ser vigilante, de voz e com os pobres, de experto e de conselho. É uma missão profética que tem que denunciar as violências imputadas contra os povos pobres, quando esses não podem continuar a viver sobre as suas terras, que querem e que está para eles como mãe e um elemento fundamental de suas vidas. E anunciar que outra política é possível, fundada sobre a consideração do tesouro cultural e religioso das comunidades indígenas. Esta política e a lei devem dar uma proteção à terra e às comunidades.

7. A doutrina (ou o ensinamento) social da Igreja se apresenta, há um século e meio, com 4 princípios fundamentais: a. O princípio da dignidade humana que diz que o caráter único de cada pessoa (e que não permite que uma pessoa seja reduzida a estado de objeto). b. O princípio da subsidiariedade que chama a responsabilidade de todos (a todos os níveis da vida comum). c. O princípio da solidariedade que anuncia que cada ser humano é precioso e que faz falta uma cooperação entre todos. d. O princípio do *bem comum* que recorda que a criação: os elementos (terra, água, mar e riquezas naturais) são mais precioso que tudo e que não podem estar como propriedade privada de ninguém. O *bem comum* é um dever de dar a todos acesso ao que é necessário para viver como ser humano: água, terra e palavra para construir um futuro humano. Claro que o princípio do *bem comum* é um princípio crítico da propriedade privada. Não é possível, por último justificar a propriedade da terra por um homem ou um grupo.

Estes princípios não penetraram na compreensão básicas dos crentes pelas práticas contraditórias da institucionalidade eclesial e pelo suporte filosófico e ideológico da teologia que chega ao povo crente.

Grupo 6: Item 8

Quais são as resistências práticas e sutis na Igreja e na sociedade a esta conversão ecológica que implica a visão da vida e do mundo proposta pelo Papa Francisco?

O texto da encíclica *Laudato Si* propõe o conceito de *ecologia integral* e chama a uma *revolução ecológica* (em nível econômico, mas também cultural e espiritual) que dá seu significado ao *desenvolvimento humano integral*. O sujeito do desenvolvimento não é a terra senão os membros da comunidade humana em relação permanente com a terra e com os outros. Cada membro da comunidade tem um papel e uma parte de responsabilidade. Esta responsabilidade é um direito e um dever. Por isso, esta maneira de participar ativamente, como cidadão e como irmão dos outros tem uma condição: poder viver sobre sua terra. Como disse Papa Francisco: as três condições primeiras de uma digna são: *uma terra, um teto, um trabalho*. Quando falamos de *desenvolvimento humano integral*, falamos de todas as dimensões da pessoa. E sabemos que quando uma dimensão não é respeitada, a humanidade inteira vai sofrer. É uma revolução que não acontece. O *desenvolvimento humano integral* é um programa que chama a conversão ética, econômica, política e espiritual, porque este desenvolvimento é uma história que chama à vida todos os humanos e toda a pessoa. Cada um/uma tem um *carisma*, uma promessa que é uma mina para os outros. O cuidado da terra é também o cuidado com as minas que estão no homem/mulher.

Neste sentido, é indispensável dar uma atenção especial às comunidades indígenas e às suas tradições culturais [...]. Quando estão em suas terras, estas comunidades protegem a natureza. Contudo, em várias partes do mundo, elas são objetos de pressão para deixá-las para os projetos de extração, de agricultura ou pesca que não tem cuidado a degradação da natureza e da cultura (cf. LS, 146).

Grupo 7: Itens 9 e 10

Este novo modo de ver, entre outros elementos, é uma nova epistemologia com a que se elabora as ciências que a constroem, e retomar, renovadamente, a pedagogia de Paulo Freire para construir um novo pensamento que essa mirada requer e produz. Quais as pistas pedagógicas ou metodológicas podemos utilizar para que esta reflexão chegue ao povo?

O problema das minas e mineração é um problema central da problemática do desenvolvimento humano, porque conduz a *pensar conjuntos*. 4 pontos de consideração da humanidade na relação com os elementos da criação. a. A frágil consideração da terra e da vida (forte e frágil). b. A relação entre as gerações (memória e futuro). c. O conhecimento dos elementos que levam a origem e o destino da vida. d. A contemplação como experiência interior da beleza da criação.

Quando insistimos para dizer que o ser humano é a imagem de Deus, isso não deve conduzir-nos ao esquecimento de que cada criatura tem um papel e que nenhuma é supérflua. O universo aparece como uma linguagem do amor de Deus, de sua ternura sem medida conosco. O solo, a água, as montanhas, tudo é carícia de Deus. A história de amizade de cada um com Deus tem sempre lugar em um espaço geográfico que se transforma em um sinal particularmente pessoal, e cada um tem a memória dos lugares muito bom. Alguém que cresceu nas montanhas, ou quando criança bebeu água do rio, ou que jogava na praça do seu bairro, quando retorna a estes lugares, recebe uma chamada a recolher sua própria identidade (cf. LS, 84).

10. O debate a propósito das minas e mineração toca a pergunta sobre a identidade de cada um. Esta reflexão abre um caminho para pensar no futuro da criação e da humanidade. Este debate conduz a uma teologia e a uma ética da responsabilidade. É dizer que estamos no ponto de encontro entre os reinos da vida: mineral, animal, vegetal e humano. Tratando-se das minas, trata-se do caráter da criação e do mundo, e ao mesmo tempo, da relação entre o homem e a mensagem silenciosa da terra, uma terra em diálogo com os homens, e que não pode ser reduzida a minas e mineração, como objetos sem sentido.

A contemplação da criação permite-nos descobrir em cada coisa, um ensinamento que Deus quer transmitir a nós, porque, para o homem que crê, contemplar a criação é também escutar uma mensagem, uma voz paradoxal e silenciosa (Cf. Joao Paulo 2, Ensegnamenti 23/1; 26 de Janeiro 2000). Podemos dizer que ao lado da revelação, por si mesma, contida nas Santas Escrituras, há uma manifestação de Deus no sol que dá sua luz, como na noite que se cai (Joao Paulo 2, Ensegnamenti 23/2; 2 de agosto 2000). *Yo me digo cuando digo el mundo; yo exploto mi propia sacralidade cuano yo decifro la sacralidade del mundo* (Paul Ricoeur, *Filosofia de la voluntad: finitude y culpabilidad*, Seuil, Paris 2009, p. 216). Com as minas, falamos da sacralidade da relação entre a criação e o homem, e entre os homens em uma comunidade responsável.

6. Carta pastoral: *Discípulos Missionários, custódios da criação. Discernimento à luz da Encíclica Laudato Si*

Ir. Maria Victoria Acevedo (CELAM/DEJUSOL)

Não se conquistará um autêntico desenvolvimento, se atenta-se contra a casa comum, este Planeta Terra que é criação de Deus. Por isso, sublinhamos, tal como afirma a encíclica *Laudato Si'* que *o desafio urgente de proteger nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois damos que as coisas podem mudar* (LS 13), pois se estamos unidos, nos confiamos ao amor misericordioso de Deus e assumimos nossa dignidade de irmãos e irmãs, filhos de Deus (cf. CP 4).



A Carta Pastoral *Discípulos Missionários, custódios da criação. Discernimento a luz da Encíclica Laudato Si* é fruto de um longo processo de comunhão e participação, inicialmente redigido, entre 2016 e 2017, por um grupo de trabalho experto em ecologia, mudanças climáticas, teologia e pastoral, e revisto pelos Bispos do CELAM/Dejusol. Contou com as contribuições das organizações que participaram do Congresso Latino-americano de Ecologia integral em novembro de 2017: CLAR, REPAM, Rede Igreja e Mineração, Ameríndia, Movimento católico mundial pelo clima. E foi aprovada pela coordenação do CELAM em setembro de 2017.

Aspectos fundamentais: é uma leitura da *Laudato Si* à luz da realidade latino-americana, Mostra a adesão total da Igreja latino-americana às propostas do Papa Francisco, ao seu enfoque de Ecologia integral, contendo mais de 100 citações da *Laudato Si* e *Evangelii Gaudium*.

Seguindo a metodologia do ver, julgar e agir, a carta propõe-se:

1. Ver a realidade do continente latino americano onde impera um modelo de desenvolvimento economicista que gera riqueza para uns poucos e pobreza para os povos. É um modelo insustentável que atenta contra as gerações futuras. O modelo extrativista impacta a vida das populações, especialmente dos povos originários gerando empobrecimento, exclusão e degradação da casa comum. A grande maioria dos projetos de mineração são depredadores da natureza, provoca danos irreversíveis a biodiversidade e ao clima, é fonte de contaminação da água, do solo e do ar, além de favorecer um estilo de vida consumista e materialista.
2. Desenvolve o conceito de Ecologia integral e suas implicações pastorais na América Latina, palco de uma claríssima crise socioambiental. *Não há duas crises separadas, a dos pobres e da mãe terra, senão uma soa crise socioambiental*. Isso significa que tudo está conectado e portanto, a necessidade de desenvolver uma eco-teologia e uma espiritualidade que reconecte a vida em todas as suas dimensões.
3. Oferece recomendações concretas para viver a Ecologia integral nas paróquias e comunidades. Propõem a Ecologia integral como eixo transversal para todas as pastorais. Aponta a necessidade de mudanças estruturais nos modelos econômicos e políticos, reafirma a importância da integração latino-americana.

A carta está publicada em formato digital disponível nos portais da CLAR, CARITAS, REPAM, Igreja e Mineração, Movimento Católico Mundial pelo Clima, e também em formato de bolso. Serão desenvolvidas cartilhas didáticas, oficinas nos países para formar multiplicadores no enfoque da Ecologia integral.

Dar glória a Deus promovendo ao pobre para que viva plenamente (Beato Oscar Arnulfo Romero), reconhecendo que “*entre os pobres mais abandonados e maltratados, está nossa oprimida e devastada terra, que «geme e sofre dores de parto»*” (Rm 8,22). Estes gemidos da Criação nos interpelam, despertam uma santa indignação, nos levam também a rebelar-nos contra a injustiça, a trabalhar pela transformação social. Pois a contemplação da realidade nos comove e nos leva a reconhecer a voz de Deus no clamor dos excluídos na América e no mundo (cf. CP. 10).

6.1. CIDSE: ESTRATÉGIA DE RELATIVO A INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DA CARTA PASTORAL

Stefan Kramer (Misereor) - David Kane (...)

Se os desertos exteriores se multiplicam no mundo” é “porque se estenderam os desertos interiores (Benedito XVI). A mudança começa conosco!

A CIDSE (...) reúne 19 agências internacionais da Igreja católica que trabalha junta com outros organismos pela transformação da sociedade e ecologia: *Trabalhamos para terminar com a pobreza e as desigualdades, desafiando a injustiça sistêmica, a inequidade e a destruição da natureza, promovendo alternativas justas e ambientalmente sustentável.*

As estratégias política da CIDSE relativo a Carta Pastoral do CELAM consiste até o momento:

1. Tradução da Carta Pastoral e um “resumo político” das mensagens chave com o objetivo de atingir um público mais amplo e para aqueles que tomam decisões políticas.
2. Promover e compartilhar a Carta com a sociedade civil, particularmente nas visitas às comunidades afetadas/os e aos sócios nos diferentes países.
3. Utilizar a Carta como referência no trabalho de incidência política internacional na Europa, América do Norte, etc.
4. Regulamentações sobre a extração de recursos naturais, o uso de agrotóxico, entre outros.
5. Promover e compartilhar a Carta com a Igreja: Dia dos católicos em Maio de 2018 na Alemanha (mesa redonda *Ganbos sujos*).
6. Conferência sobre Ecologia, de 5-6 de julho de 2018 em Roma.
7. Visita da delegação da REPAM a Bruxelas, em 20 de setembro de 2018.
8. Possível visita dos Bispos a Genebra em outubro de 2018.
9. A Carta como referência e inspiração para futuras reflexões e trabalhos dentro da CIDSE.

Em um breve debate com os representantes da CIDSE, valorizou-se o apoio e acompanhamento das agências de cooperação, e a importância que as mesmas conheçam os territórios. A carta oferece a possibilidade de conexões e interação com as Igrejas locais para coordenar, questionar e ajudar para que os conteúdos da mesma cheguem até o povo de Deus.

6.2. CARTA PASTORAL: DIMENSÃO DA COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO LOCAL

Pedro Sanchez

A Carta Pastoral é um documento de difícil compreensão, é preciso explicá-la: Carta Pastoral? Ecologia integral? Sobre a Encíclica *Laudato Si* produziu-se diversas matérias para ajudar a aprofundar o conteúdo, explicar conceitos complexos. Falta uma comunicação mais dinâmica para divulgar os projetos, traduzir conceitos complexos em uma linguagem atualizada e incrementar elementos ausentes. Os poderosos que tem o poder da comunicação a seu favor. É preciso explorar nosso potencial e novas formas de comunicação. As realidades dos países são diferentes até um certo ponto: hoje temos desafios comuns.

Como traduzir em uma linguagem que sistematize de modo impactante as experiências de luta e resistência na perspectiva da Rede Igreja e Mineração, fundamentadas na *Laudato si* e na Carta Pastoral? Faz-se necessário dialogar sobre o que poderia ser feito, por exemplo como: series radiofônicas, formato rádio-teatro, pequenos vídeos sobre as realidades de lutas e resistências.

Como produzir propostas metodológicas de uso nas paróquias? Que outras coisas se poderia fazer? Como fazer chegar a maioria das pessoas? Qual a linguagem que toque o chão cultural das pessoas? Para isso é necessário uma estratégia de trabalho para produzir estes materiais: seminários, cursos, catequeses. Algumas ideias para a socialização da Carta Pastoral:

- Radionovelas feitas por atores conhecidos. É algo que pode ser caro, mas pode chegar até às pessoas; versão popular, videoclipe, folhetos,
- Ferramentas de trabalho para as crianças, catequese;

- Envolvimento de pessoas e crianças das comunidades.
- Rádios comunitárias.
- Pensar no humor, em forma de caricatura, *memes*, caricaturas, com mensagens e que sirva para todo o continente.
- Rede de contatos com radialistas comunitários e outras rádios com compromisso social.
- Tradução da Carta Pastoral.
- Uso da música que se populariza, é uma forma de comunicação rápida e eficaz.

SINTETIZANDO DO DEBATE:

1. Nova recuperação da antropologia, uma nova teologia da criação, novos mitos que permitam fundar novas maneiras de viver, novas interconexões. lançamento
2. Não se cumpre o texto, se vê que tem uma visão que recebemos, a natureza não é parte das pessoas, mudaram a justiça e a paz por desenvolvimento; a humanidade é diversificada e os contextos de vida são diferentes; o bem comum se vê em uma perspectiva humana.
3. Quais são os minerais que são necessários para o bem comum? Existem Estado colônia que consomem e depredam, deixam rastros de danos e lixo. Muitos governos e sociedade são cúmplices das empresas. Falta soberania nos nossos povos e comunidades.
4. Dar-se conta que somos da terra e não a terra de nós. É importante pensar no bem comum, fazer formações de acordo com a realidade. Os seres vivos somos iguais.
5. Obstáculos mais profundos: a fragmentação entre o humano e o divino, a dualidade em nossa vida e isto dificulta para tomar decisões.
6. Resistências práticas e sutis: lógica de converter isto em discurso, cair na lógica do ambientalismo e não do processo de mudança desde a raiz; conceito de vida digna das 3Ts; mudança de antropologia para definir qual é a posição do homem no mundo.
7. Pistas: criar espaços para compartilhar as experiências, construir processos especialmente com os jovens, criar ambientes festivos, trabalho inter-geracional de usos e costumes, relação entre o homem e a terra desde a espiritualidade, liturgia que inclua estes conteúdos e maneiras de ver.

7. ARTICULAÇÕES E COORDENAÇÕES

Dicastério para o desenvolvimento humano integral – Vaticano

Empenhou-se em construir um diálogo com o Dicastério através de uma comunicação frequente, a participação de Igreja e Mineração nos encontros de Roma em 2015, lançamento da *Laudato Si* e proximamente na celebração de três anos de lançamento da Encíclica. É de grande importância o apoio da CIDSE no fortalecimento desse diálogo. Vê-se com grande preocupação o assédio das mineradoras ao Vaticano. Quais são os caminhos de fortalecimento do diálogo com o Vaticano e também com as Igrejas locais?

50 anos de Medellín

Em comemoração aos 50 anos da Conferência de Medellín, se realizará um Congresso intitulado *Medellín cinquenta anos: profecia, comunhão e participação*, promovido pelo Conselho episcopal latino-americano (CELAM), Arquidiocese de Medellín, Confederação caribenha e latino-americana de religiosos e religiosas (CLAR) e pela Caritas latino-americana, de 23 a 27 de agosto em Medellín. De todos os temas a ser discutido, inclusive a ecologia que não aparece no documento, será elaborado um documento. Pe. Alberto e Fr. Rodrigo Peret participarão do referido congresso.

Fórum social temático

O Fórum social temático que será realizado de 12 a 15 de novembro de 2018 em Johannesburgo é parte de um diálogo internacional sobre a mineração que soma inúmeras articulações. O fórum encontra-se em processo de construção da metodologia e programação, tendo como pano de fundo uma forte preocupação com os trabalhadores na mineração e o meio ambiente.

Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônia

Com o tema *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, o Papa Francisco convocou um sínodo para a região amazônica que se realizará em outubro de 2019. É um caminho de aprofundamento da *Laudato Si*, que dá prioridade aos povos originários profundamente ameaçados por um modelo econômico que mata e destrói. Eles são portadores de alternativas do bem viver, da vida harmoniosa.

O momento é de construção do Sínodo: elaboração do documento-base a partir da realidade por uma equipe de pessoas da região pan-amazônica, realização de assembleias regionais para escutar as comunidades a partir do documento-base, as Conferências episcopais farão a síntese das contribuições e enviarão para Roma. Os bispos titulares participarão da assembleia sinodal. Nota-se um evidente o confronto de visões eclesiais que produzem restrições. É fundamental ver como incidir sobre a questão da mineração que tanto afeta os povos originários, comunidades tradicionais e população amazônica em geral.

GT Mineração: fracking

A comissão para a ação social transformadora aglutina as Pastorais sociais, incluindo o Grupo de Trabalho formada por três bispos e cinco assessores com a missão de organização e articulação, buscando ser a voz da Igreja na temática da mineração no Brasil e especialmente a preocupante tema do *fracking*, com seus impactos nas comunidades indígenas, quilombolas e população em geral. O GT ainda não participa do Conselho permanente, mas tem a tarefa de reunir informações e passar para a CNBB, que encaminha as questões, nos encontros regionais dos bispos e dioceses interessadas (Encontro dos Bispos do Nordeste, Encontro dos bispos da Amazônia), bem como participar de iniciativas respeito a mineração (Encontro de Mariana-MG-2017), do *fracking*, Igreja e Mineração, etc. Prevê-se proximamente a tradução da Carta Pastoral do CELAM e a organização de um encontro em 2019 sobre mineração para todas as dioceses que enfrentam as problemáticas das mineração nos seus territórios.

No momento aprofundou-se a temática, todavia pouco conhecida e discutida, do *fracking* (fratura hidráulica) e os nefastos impactos. O *fracking* ou fratura hidráulica aplicado para obter hidrocarburos gasosos ou líquidos é utilizado na Argentina, México, Uruguai e agora em prova no Brasil. Os aspectos científicos e técnicos das ferramentas de perfuração e extração provocam danos e gravíssimos impactos sobre o meio geológico, os recursos hídricos (superficiais, subterrâneos, o solo, o ar e o ecossistema). e afetam gravemente a qualidade da água potável e nos lençóis aquíferos.

A prospecção e a exploração do gás metano que utiliza produtos químicos na perfuração (pastilhas de uranio) provocam rachaduras, índices de terremotos, demandam alto consumo de água, dispersam fluidos invisíveis, inflamável e tóxico nas vias públicas, rios e subsolo. A contaminação atmosférica (realidade permanente na Argentina) pela emissão e vazamento invisível de metano provoca danos e riscos gravíssimos à saúde pública e ao meio ambiente (câncer, morte de recém-nascidos, morte de animais, nascentes secam, afeta a agricultura, queda

do valor dos imóveis, o fogo não se apaga, etc.). Sugere-se incluir a preocupação com o tema das usinas nucleares e radiação.

Comunicação

A evangelização e comunicação vão juntas. É preciso ver a comunicação além dos meios tradicionais, aproximar-nos e aprender a arte de comunicar-se para construir comunidade, comunhão e ativar processos de transformação social, movimentos de organização e lutas, bem como utilizar criativamente os meios tradicionais de comunicação. A Rede Igreja e Mineração tem uma linha de comunicação (campanhas, boletins, informativos, etc.). Faz-se necessário pensar uma linha de formação e capacitação da rede. Como construir propostas coletivas de um processo aprendizagem permanente pessoal, grupal e mediática?

Campanha de Desinvestimento

Porque desinvestimento? Porque é uma ferramenta exitosa que toca o ponto sensível das corporações e ajuda a desmascarar e demonstrar as consequências negativas da indústria mineira, sendo assim uma opção ética para a Igreja. Não se trata de uma campanha de desprestígio, nem de alcançar grandes núcleos de desinvestimento, mas a delegitimação dos investimentos que produzem violência e destruição das pessoas, comunidades, culturas e da natureza.

- Plantear uma campanha que dispute a narrativa da mineração, fazendo ver o que está passando nas comunidades e suas lutas. Uma campanha pode ser arriscada se não a temos bem estruturada: clareza dos objetivos, discursos, organizações, pessoas. Ontem se apresentou a intenção da campanha, mas tem que desenhar o processo da campanha se está trabalhando paralelamente;
- A campanha deve estar colocada no interior da Igreja católica; temos a capacidade de conhecer realmente em que os grupos religiosos estão investindo; não é fácil saber onde está o dinheiro; saber em que os bancos estão investindo; temas de análises de riscos;
- A necessidade de aprofundar a alternativa de inversão; no fundo também propor um modelo alternativo ao modelo extrativista. Precisamos mais aprofundamento. Temos informação, mas necessita ser trabalhada.
- Propostas: 1. Grupo de trabalho, para fazer a tarefa de análise de riscos 2. Gerar alianças com organismos no âmbito das finanças; formar-nos na linguagem econômica; 3. Campanha se organize ao interior da Igreja e das congregações. Tradução;
- Comentário: Inversão e uma lógica do capitalismo que implica maior aprofundamento, pois parece uma linguagem do capitalismo; luta por uma nova economia; ajudar a dar visibilidade a estas contradições: o que estas fazendo com o dinheiro que tens?; experiências concretas...; a campanha atraiu a atenção das agências aliadas; e um tema que esta canalizando interesses políticos e técnicos (inclusive o Vaticano), grupos sujeitos; por isso é um momento oportuno
- Pe. Alberto: remarco a contradição que temos; questionar como processo e onde queremos caminhar, superando e abrindo caminhos; sintetizar em um documento onde tenhamos toda a informação; quando as comunidades perderam suas inversões e quebra dos bancos; buscar fatos que mostrem as contradições que vivemos e apoiando propostas capitalistas; a diferença entre ter umas ações para entrar e protestar, outra coisa é investir; precisamos ter respostas adequadas as contradições que vivemos (coches com metais, telefones, etc.).

- Cesar: tomar a conexão locais e incidências em muitos lados; experiências que se fizeram de entrada nas assembleias; entrar e disputar narrativas em confrontação; importante conhecer os aliados, organizações que tem possibilidades; informação: onde busca-la e arrecadar informação e divulgar; o foco não deve estar na desinversão, mas em processo de conscientização de uma lógica que a mineração não é justificável economicamente.
- Pedro: grupos que podem consultar antes de investir (onde se tenha essa informação).

8. COLETIVA DE IMPRESSA



9. CARTA PUBLICA A NOSSAS IGREJAS, ORGANIZAÇÕES E SOCIEDADE

Llamados y llamadas por el clamor de la tierra y las víctimas de la gran industria extractiva, diversas organizaciones, movimientos y familias religiosas de varios países de América Latina, Estados Unidos y Alemania, nos hemos encontrado en Brasília, inspirados en la encíclica Laudato Si y en la Carta Pastoral sobre Ecología Integral, “Discípulos y Misioneros, Custodios de la creación” del Consejo Episcopal Latinoamericano, para compartir desafíos, luchas, sueños y esperanzas con las comunidades afectadas por la minería en este continente.

Este encuentro nos ha permitido renovar nuestra misión de contribuir en la construcción de nuevas relaciones con la naturaleza, no como productora de riquezas, sino como como hermana y madre nuestra, con vida propia y con derechos inalienables, que comparte y sustenta la vida de la Creación en procura del Bien Vivir y el Bien Estar de todos los seres que hacemos parte de esta “Casa Común”.

Hemos compartido con mucho dolor los graves y muchas veces irreversibles daños y violaciones a los derechos humanos y los derechos de la naturaleza que provoca el actual modelo minero extractivista impulsado, sostenido y alimentado por el afán de enriquecimiento inhumano y antinatural de las grandes corporaciones mineras transnacionales y los países de origen, en una nueva fase más agresiva de colonización y saqueo; nuestros pueblos son condenados a un presente y futuro de destrucción y muerte. Es urgente poner límites a este modelo de desarrollo extractivista, como nos señala el papa Francisco³

A la par de la destrucción provocada por la minería, se le suma la privatización y represamiento (aprisionar) de nuestros ríos, con la multiplicación de emprendimientos para la generación de

³ LS. N° 27: “...Ya se han rebasado ciertos límites máximos de explotación del planeta, sin que hayamos resuelto el problema de la pobreza.”

energía eléctrica en un mundo que lejos de aplicar la tecnología para disminuir este consumo, lo incrementa para mantener un estilo de vida insostenible para las naciones con mayor poder económico y político⁴. No menos alarmante es la iniciativa creciente y ampliamente rechazada, de implementar la Fractura Hidráulica para extracción de gas natural.

Todos estos tipos de extractivismos, lejos de avanzar a una mayor responsabilidad en el cuidado de la casa Común y la vida, aceleran su destrucción y condenan a millones de personas a sobrevivir en la precariedad, víctimas de enfermedades derivadas de la contaminación de las aguas, suelos y aires⁵. Dios y la Iglesia, acogemos a los pobres con amor, pero rechazamos con firmeza las causas y los actores estatales y privados que incrementan el empobrecimiento, la destrucción y la muerte, al resistirse a realizar cambios profundos y estructurales al sistema capitalista inhumano y salvaje imperante.

Durante el encuentro, tuvimos la oportunidad de compartir con las víctimas de la minería y con defensores y defensoras de Nuestra Hermana y Madre Tierra⁶, constatando como los gobiernos de América Latina no están exentos de responsabilidad en las graves violaciones a derechos humanos que se cometen en contra de la humanidad. En nuestro continente, por ejemplo, el 60% de los asesinatos corresponde a defensores y líderes comunitarios.

Resuena en nuestros oídos y en nuestros corazones el desgarrador grito de “socorro” de don Ireneo, un poblador de la Comunidad de Santa Rita, Paracatu, Brasil, quien lleva en su cuerpo un elevado porcentaje de arsénico, como resultado de la contaminación por la mina cercana a su comunidad. Este grito de “socorro”, resuena cada vez con más fuerza y con mayor frecuencia en nuestro continente. Frente a esta desgarradora y avasalladora realidad, como nos lo recuerdan, el papa Francisco⁷ y la Conferencia Episcopal Latinoamericana, No podemos seguir respondiendo como Caín: “¿Acaso soy yo el guardián de mi hermano?”⁸.

Las orientaciones que nos hicieron llegar tanto Monseñor Bruno-Marie Duffé (Secretario del Dicasterio para el Servicio del Desarrollo Humano Integral del Vaticano), como el Cardenal Pedro Barreto Jimeno (Arzobispo de Huancayo y Vicepresidente de la REPAM), fueron fundamentales para afirmar que como iglesias estamos llamados a dar razones y caminos de fe y esperanza de que otro mundo es posible, un mundo donde impere el respeto y el cuidado a la vida natural de la cual forma parte la humanidad. En esta línea:

- Reafirmamos nuestro compromiso de denunciar estas prácticas de muerte y demandar cambios estructurales tanto en la forma abusiva, destructiva e irresponsable de un extractivismo desenfrenado, como en la tolerancia cómplice de nuestros gobiernos que niegan reiteradamente el acceso a la justicia a las víctimas, fomentando prácticas de impunidad y corrupción.
- Ratificamos nuestra vocación y decisión de seguir promoviendo la vida, acompañando los esfuerzos y las luchas de las comunidades afectadas por la minería y otros proyectos extractivistas que afectan gravemente la vida y el futuro de la madre tierra y de todos los seres a quien ella sustenta. Invitamos a otras organizaciones y movimientos sociales a unir fuerzas en estas luchas a favor de las comunidades, sus territorios, culturas y espiritualidades.

⁴ LS. N° 43: “...no podemos dejar de considerar los efectos de la degradación ambiental, del actual modelo de desarrollo y de la cultura del descarte en la vida de las personas

⁵ LS. N° 48: “...la contaminación del agua afecta particularmente a los más pobres que no tienen posibilidad de comprar agua envasada, y la elevación del nivel del mar afecta principalmente a las poblaciones costeras empobrecidas que no tienen a dónde trasladarse

⁶ CELAM, Carta Pastoral: “Discípulos y Misioneros, Custodios de la Creación”. N° 25.

⁷ LS. N° 70.

⁸ CELAM, Op. Cit. N°8.

- Llamamos a las jerarquías y demás responsables de nuestras iglesias a asumir un mayor compromiso junto a quienes sufren las consecuencias de este modelo económico de producción desenfrenada, consumismo voraz y depredación sin límites de la naturaleza. Las orientaciones de la Encíclica Laudato SI y de la Carta Pastoral del CELAM sobre Ecología Integral deberían servir para impulsar un nuevo tipo de iglesia, un nuevo tipo de sociedad, una nueva Economía y una nueva forma de relación con el conjunto de la Creación.
- A las comunidades y pueblos que resisten los embates del extractivismo, exponiendo sus propias vidas, les agradecemos su ejemplo, valentía y profetismo. Sus luchas y acciones exigen y demuestran al mundo que otra economía y otras relaciones son necesarias, posibles y urgentes. Queremos aprender de ellos, caminar con ellos, ser evangelizados por sus acciones y propuestas, construir juntos alternativas que garanticen el Buen Vivir armónico en nuestra tierra.
- Requerimos de nuestros Estados, una mayor responsabilidad en la administración del Bien Común, una lucha frontal contra la corrupción, la implementación y el control riguroso de normas y leyes que garanticen los derechos humanos individuales y comunitarios, los derechos de la naturaleza y el derecho fundamental de los pueblos a decidir sobre su propio desarrollo, garantizando efectivos procesos de Consulta, Libre, Previa, Informada y de Buena fe, así como el respeto a las decisiones de los pueblos surgidas de estos procesos.
- Llamamos también al mundo empresarial a eliminar sus prácticas de explotación criminal, irresponsable y depredadora de vidas, territorios y culturas que nos están llevando a convertir nuestra Casa Común en un “inmenso depósito de porquería”, tal como lo indica el papa Francisco.
- Ha llegado la hora en que cada persona asumamos la responsabilidad de construir otros modelos de producción que garanticen la vida de las futuras generaciones y respeten a la madre tierra, de impulsar un consumo básico y responsable y de apostar por nuevas formas de entender el desarrollo integral.

Finalmente, indicamos que, en el centro de nuestras preocupaciones, durante este encuentro, hemos tenido muy presente a los hermanos de los países que están sufriendo diversos tipos de violencias y de atentados a sus derechos democráticos y humanos, como en Nicaragua, Brasil, Venezuela, Colombia, Honduras, El Salvador, etc. Exigimos el cese de todo tipo de violencia, persecución y asesinatos y la urgente puesta en marcha de mecanismos que garanticen procesos de resolución de los conflictos de manera no violenta, enmarcados en la justicia, el respeto a la vida y a los derechos fundamentales de los pueblos.

Entidades organizadoras y participantes en el Encuentro

Brasília, D.F. 10 de agosto de 2018.

10. AVALIAÇÃO

Com um momento de ação de graças a Deus pela sacralidade da vida que se fez presente através de cada um/a do/as participantes que trouxe consigo a vida, as lutas, as esperanças e resistências de suas comunidades, expressou-se a gratidão a Deus pelo encontro de fraternidade, de esperança e de fortalecimento da caminhada de cuidado com a casa comum; pelo espírito crítico, liberdade, respeito e compreensão mútua que permeou todo o encontro; o retorno de companheiros/as de caminho; pela amor pela criação; pelas sementes que morrem para dar vida; pelo sonho reavivado de cultivar a espiritualidade do cuidado que vai se concretizando; aos que organizaram o encontro; a oportunidade de encontrar-nos como irmãs e irmãos de caminho em meio a tantas divisões e desconstruções; a recordação do grupo que está em greve de fome pela grave situação que vive o

⁹ IS. 21.

Brasil; as experiências da Igreja e Mineração de fortalecimento e busca comum para seguir construindo este mundo que necessitamos; espaço para escutar, partilha e fortalecimento da amizade que renova as forças no meio de realidades que o povo não é escutado; os momentos acolhida e oração, de espiritualidade que resgatam em um momento difícil de violência, ameaças e dificuldades; pela consciência e responsabilidade; sentir-se pátria grande com dores, unidos por um fio de vida que une cada territórios com uma história de lutas e resistências; a consciência de que está se plantando. Como o povo de Israel, toma-se nas mãos um pouco da mãe terra para sentir que *somos parte da terra e ela é parte de nós*, em profunda gratidão pela vida que se fortalece na simplicidade do encontro e compromisso em defesa da vida e da casa comum.

11. PROPOSTAS DE AÇÃO

1. Espiritualidades e Eco-teologia frente a mineração

Objetivos:

Favorecer a reflexão dando continuidade ao processo iniciado por I

- Constituir um GT (grupo de trabalho), dando continuidade ao processo já iniciado por Igreja e Mineração
- Encontro temático
- Mapeamento de alianças
- Diálogo com outras espiritualidades (Nova leitura da realidade, Bíblia e criação) e produção de materiais
- Registrar as experiências de espiritualidades e lutas do povo (espaço no website)

2. Campanha de desinvestimento

Objetivos:

- Disputar a narrativa sobre a mineração
- Deslegitimar as inversões na mineração
- Mostrar que há caminhos alternativos aa mineração extrativista (pos-estrativismo)
- Debater o modelo financeiro e propor uma outra economia
- Analisar e prevenir os riscos
- Prestar atenção permanente nas nossas contradições

Ações:

- Por a campanha no interior da Igreja Católica (contatar com as congregações)
- Dar visibilidade as experiências de transição produtiva e econômica
- Grupo de trabalho – Documento base
- Alianças com técnicos (finanças, linguagem econômico)
- Buscar continuidade as declarações do Banco Vaticano e as ações de Dirty Profits
- Colaborar com CIDSE

3. Estratégia de comunicação

- Capacitar comunicadores e meios católicos de comunicação
- Formar nossos líderes em comunicação
- Capacitar para incidir nas políticas públicas e processos de licenciamento
- Buscar assessorias técnicas e jurídicas
- Convênios e colaboração com mídias aliadas e redes
- Produção de pequenos materiais gráficos impressos
- Comunicação:
 - Facilitar o diálogo entre militantes e Igrejas vencendo a desqualificação
 - pessoal entre nós e institucional
 - Entrelace os temas e desmonte mitos
 - Estudar os planos de comunicação das empresas

- Comunicação não violenta

4. Diálogo com a Igreja Católica

- Vaticano:
 - Favorecer um encontro formal entre Dejusol e card. Turkson em Medellín. Entregar ao Cardeal e ao Mons. Duffé a carta final do encontro em Brasília, mostrando que foi co-organizado com o CELAM.
 - Continuar a comunicação com o Vaticano: Enviar notas de conflitos, resistências, sucessos e alternativas a mineração.
 - Enviar documento de IyM sobre Diálogo e propor um encontro e debate sobre o tema.
- Continente:
 - Enviar carta final do encontro a CLAI, CELAM, CLAR, Rede Caritas, etc. Mensagens personalizadas. Invitar a CLAR para que conheça mais a Rede.
 - Avançar com o convênio entre CELAM e IyM. Aproveitar o encontro de Medellín para apresentar um primeiro esboço.
 - Propor uma Cátedra Latino-americana de Ecoteologia na formação do clero e dos/as religiosos-as. A Cátedra é uma continuação sistematizada de estudo da recente Carta Pastoral. IyM apoia.
 - Fazer um mapeamento dos bispos e dioceses com conflitos minérios. Criar equipes em todos os países.
 - Sínodo: destacar uma equipa que escrevas os pontos claros e sintéticos de embasamento sobre o extrativismo para os bispos que vão ao Sínodo. Enviar uma carta a cada bispo, assinada pelas três entidades, com esses elementos e a recomendação que defendam a Amazônia do extrativismo.
- Nacional e local:
 - Entregar a carta final do encontro de Brasília 2018 e a Carta Pastoral do CELAM pessoalmente a nossos bispos e representantes de outras Igrejas.
 - Incidência e visitas: promover seminários e encontros locais em uma ou mais dioceses que identificamos estratégicas pelo mapeamento realizado. Dimensão prioritária: é a encarnação de IyM!
 - Aproveitar os grandes encontros, celebrações e romarias nacionais para celebrar a Terra e a resistência ao extrativismo. Ex.: Romarias da terra e da água.
 - Brasil: agenda de encontros locais e nacionais com os Bispos e afetados/as.
 - Argentina: incidência com os Bispos da Pastoral Aborígena, também sobre extrativismo.
 - Outras incidências nacionais...
 - Estudo de caso: atualizar o caso de Conceição do Mato Dentro (conhecido pelo Vaticano em 2015) e apresentá-lo ao bispo local, escrevendo em cópia ao Vaticano, para verificar que seguimento a Igreja local deu e também as altas esferas, pelo fato que o Encontro do Vaticano prometeu continuidade no apoio aos convidados ao encontro de Roma.
 - Brasil: participar na próxima reunião da Comissão 8 com todos os representantes regionais.
 - Dialogar com o bispo e a Caritas de Paracatu-MG. Enviar a carta final e dialogar sobre os afetados-as com a Prefeitura e comentar sobre o que a rede IyM pode fazer em apoio as forças locais.



1000 POCOS DE PESQUISA 70% DAS ÁGUAS CONTAMINADAS QUEREMOS LEY GENERAL DEL AGUA

EL SALVADOR

FUERZA y TERNURA PROFÉTICA

ESPERANZA en la Lucha
 AGUA para Comunalidade
 PUEBLOS

IGREJA ATIVA, NO CANTANDO
 COM O POVO NA LUTA PARA SEU
 VIVER.
 ORGANIZAÇÃO

Perseverancia en la Lucha
 - Unidad - Lucha

Iglesias unidos al Pueblo

Apoyo de la Iglesia en la lucha contra la mineración.

Grande exemplo para nos
 Saber, una amo para desarmar opostore.

Jay logrado después de luchar
OSCAR RESUCITA TODOS LOS DIAS

Puede pequeño, haciendo cosas Pequeñas, para los Pequeños, David vs Goliath

NECESIDAD DE Mantenerse ALERTA PERO Dependiendo lo GANADO.

Mujeres y Resiliencia
 Martires e Testamentos

CARDENAL PEDRO BARRATO, SJ

